

Carla Carvalho Tavares e Carlos Mota

Carla Tavares é doutoranda em Arte Sacra, na Universidade Católica Portuguesa e licenciou-se em 2007 em Arte - Conservação e Restauro na mesma universidade. Actualmente desenvolve, no Museu do Douro (MD), o projecto de intervenção e estudo técnico das pinturas do Mestre Joaquim Lopes, Colecção Casa do Douro. Paralelamente está envolvida no projecto “Materiais e Técnicas de Pintores do Norte de Portugal”, a decorrer no Centro de Investigação da U.C.P, pólo da Foz. **Carlos Mota** é licenciado em Conservação Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar, com especialização na variante de tecnologias área de Pintura e Escultura de madeira policromada. Iniciou a carreira profissional como técnico de Conservação e Restauro no Museu Malhoa. Desde Agosto de 2006 é Técnico Superior de Conservação e Restauro na Fundação Museu do Douro (FMD). Tem desenvolvido actividades de manutenção, conservação e restauro das colecções, monitorização ambiental e de pragas. Foi responsável pela instalação do laboratório/oficina de conservação e restauro na FMD. Desenvolveu os planos de segurança interna das áreas de exposição permanente e de reservas. Tem colaborado na orientação de estágios de Verão e profissionais em Conservação e Restauro realizados na FMD e em parceria institucional. Tem participado na concepção e montagem/desmontagem de inúmeras exposições.

PRESERVAR A MEMÓRIA CONSERVANDO

Carla Carvalho Tavares e Carlos Mota

Resumo

Oito pinturas do Mestre Joaquim Lopes animaram, em 1934, o Stand promocional da Casa do Douro, na “I Exposição Colonial Portuguesa”, que decorreu no Palácio de Cristal. Concebidas com o propósito de propaganda de uma região e da Instituição, adornam hoje as paredes adormecidas do edifício-sede da Casa do Douro.

O Museu do Douro (MD), consciente do seu papel social de valorização e estudo do património regional, desenvolveu um projecto para preservar a memória das oito pinturas e enaltecer o mestre que as compôs.

A presente reflexão mostra um caso prático de investigação e intervenção científica sobre uma colecção pictórica, tendo como objectivo a sua valorização.

A estratégia de preservação das obras de Joaquim Lopes passou por o abrandamento das causas de instabilidade, degradação e alteração das pinturas; o estabelecimento de mecanismos de protecção e reforço dos materiais originais; e a divulgação do trabalho do autor com a montagem de uma exposição e consequente sensibilização da comunidade.

Palavras-chave: Conservação e Restauro, Valorização, Interação

Abstract

In 1934, eight paintings of Master Joaquim Lopes embellished the stand of Casa do Douro at the “I Exposição Colonial Portuguesa” – the 1st Portuguese Colonial Exhibition, which took place at the Palácio de Cristal. They were created with the purpose of publicising the Region and this Institution and, presently, they ornament the sleeping walls of Casa do Douro Head Office. Aware of its social role in appreciating and studying the regional assets, the Museu do Douro (MD) developed a project to preserve the history of these eight paintings, and pay homage to the master who created them.

This reflection shows a practical example of investigation and scientific intervention of a pictorial collection, aiming the appreciation of its value. The strategy of preservation of Joaquim Lopes’ works involves the softening of causes of instability, degradation or alteration of the paintings; the establishment of mechanisms to protect and reinforce the original materials; and the publicity of the author’s work by setting an exhibition and tutoring the community.

Nascidas com o propósito de decorar as paredes do *stand* da Casa do Douro, para a “*I Exposição Colonial Portuguesa*”, a decorrer no Palácio de Cristal, em 1934, foram realizadas pelo mestre Joaquim Lopes, oito pinturas de grande formato. Executadas após o reconhecimento do artista como pintor e professor catedrático na Faculdade de Belas-Artes do Porto, da qual se torna mais tarde director. Decorrida a exposição, que durou cerca de três meses¹, as pinturas foram transferidas para um armazém da Instituição, onde ficaram dez anos, momento a partir do qual a colecção perdeu a dinâmica discursiva, não havendo a leitura total do conjunto. Na inauguração do edifício-sede as oito pinturas encontravam-se expostas em diferentes salas, inclusivamente uma das pinturas que é composta por duas partes foi apresentada em separado.

Joaquim Lopes terá criado os *panneaux* para o *stand* da Casa do Douro como obras efémeras², apenas com o propósito de ilustrar as paredes. Apesar das iniciais pretensões do artista, quis a instituição que encomendou o trabalho manter este testemunho, preservando-o exposto no edifício-sede situado em Peso da Régua. A colecção pictórica da Casa do Douro retoma hoje o brilho perdido, renascendo 75 anos depois da sua criação, como mote de uma exposição. O Museu do Douro (MD), empenhado na sua política de enraizamento, dinamização do meio e salvaguarda do património cultural da região demarcada do Douro, olhou para os painéis como um potencial adormecido, que espelha a história de trabalho e produto de uma região. As oito pinturas retratam, com cores imaginárias, os trabalhos agrícolas da recolha do vinho, os vales sulcados que enquadram um rio de ouro, o transporte das pipas de vinho nos tradicionais barcos “rabelo”, até à descarga agitada no Cais dos Guindais, no Porto. As pinturas traduzem a essência da região, marca com a qual o MD se identifica. Neste sentido, foi apresentado no programa do MD, o projecto de estudo e intervenção das pinturas, cujo resultado do trabalho tinha como fim a abertura de uma exposição que espelhasse: a região; o trabalho do mestre que teve uma relação próxima com a região e cujo trabalho nunca teve o reconhecimento merecido; e as laboriosas tarefas de conservação e restauro pelas quais as pinturas foram passando ao longo do presente ano. Os objectivos da exposição não se reduziram ao levantamento, recolha e exposição da obra de um

1 A “*I Exposição Colonial Portuguesa*” esteve patente no Palácio de Cristal de 19 de Junho a 30 de Setembro.

2 Segundo o artista, «*uma vez demolida, será como a fogueira viva e deslumbrante que se apaga – deixará cinzas. Se se conservasse, brigando contra o tempo, contra o seu tempo, seria velha e banal dentro de poucos meses.*» (PORTUGAL. Agência Geral das Colónias, 1934: 39).

artista³. Contemplaram, a recolha exaustiva do trabalho e vida de Joaquim Lopes até ao momento por explorar e por trazer à memória dos visitantes a importância da instituição, a Casa do Douro, proprietária deste património que marca a história e ilustra a região.

Para além de se pretender com a intervenção das pinturas remover o véu, que parecia desvanecer a qualidade das obras, etapa que não passou apenas pela limpeza da camada pictórica, procurou-se delinear um projecto que trazendo para a ribalta as obras, lhes desse por consequência maior destaque, as valorizasse e lhes concedesse condições materiais e humanas para a sua preservação. Desta forma, a conservação e restauro das pinturas vai mais além da intervenção directa sobre as obras através do toque do pincel e bisturi do conservador restaurador, “toca” a sensibilidade do espectador quer para a obra de um artista, quer para o delicado e complexo trabalho que é a conservação de uma obra de arte, cujo trabalho de preservação é uma responsabilidade de todos. Os bens pertencem não só aos proprietários, são herança do Homem. As pinturas ao serem reconhecidas como elementos de valor, dignas de uma exposição, são mais facilmente protegidas, prevenindo-se a degradação⁴.

A intervenção da colecção pictórica da Casa do Douro, para além dos benefícios directos que trouxe às obras permitiu a interacção de alguns visitantes e população local (crianças e estudantes), através de visitas guiadas ao *atelier* situado no interior da sede do MD. Por sua vez, a necessidade de se registar a intervenção para a futura exposição levou à criação de uma parceria com a Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia, cujos alunos de artes contribuíram com a montagem e edição das imagens captadas.

Desde a inauguração do edifício sede da “Casa do Douro”, em 1944, até o início de 2009, as pinturas encontravam-se expostas em diferentes salas do edifício, à mercê de múltiplas variações de humidade e temperatura, características da cidade duriense e expostas à incidência da luz solar. Os agentes de degradação de origem climatérica, associados aos factores antropológicos - rasgões e a aplicação de purpurinas - e há utilização por Joaquim Lopes de materiais precários (têxtil fino, com defeitos de fabrico, delicados estratos pictóricos, sem camada de protecção e grades toscas) determinou que as jovens pinturas, com 75 anos, apresentassem

3 *O Guião da Exposição reúne obras do mestre Joaquim Lopes, cujos temas abordados envolvam o Douro, o que inclui para além dos panneaux da colecção Casa do Douro, obras espalhadas por todo o país desde colecções privadas a musealizadas.*

4 *Não prevenir atempadamente a degradação das obras de arte, exige, com frequência o recurso a materiais que alteram a natureza destes bens.*

sinais de degradação acelerada, havendo o risco de rapidamente ocorrer uma perda substancial da camada pictórica e oxidação profunda do suporte, que já apresentava numerosos e extensos rasgões.

Um caso peculiar, é a (re) descoberta que o conjunto das nove pinturas vistas individualmente, é composto por oito, na medida em que duas delas são um díptico. Existe uma continuidade no desenho que perde lógica quando observadas em separado, sendo original a forma como o mestre Joaquim Lopes, coloriu as telas utilizando, cores vibrantes e luminosas numa, e cores terra e sombrias noutra. Esta ideia é reforçada pela ligação das pinturas a 90º, posição na qual devem ser expostas para não se perder a correcta expressão.

Uma vez feito o transporte das obras para o *atelier* de conservação e restauro na sede do MD, delineou-se o tratamento, com a recolha de amostras para a elaboração de exames científicos, que auxiliaram e justificam a escolha de materiais e procedimentos, refutando as hipóteses de carácter técnico e material que surgiram no exame à vista desarmada⁵.

Com o objectivo de analisar os materiais constitutivos e a organização dos estratos pictóricos, foram realizados os seguintes exames: testes de cargas, análise estratigráfica e testes histoquímicos. Partindo-se destas análises podemos concluir que as pinturas são constituídas por diversos estratos pictóricos sobrepostos a uma fina camada de cor que serviu de base na qual o artista define em traços rápidos o desenho a grafite.



Fig. 1:
Transluminiscência da
pintura “Barco rabelo”

5 As características ópticas das cores colocaram em causa a natureza técnica das obras. O estrato superficial estava baixo, sem o brilho característico da técnica a óleo que se veio a confirmar.

No decorrer do tratamento, as principais dificuldades, que pareciam no início incidir sobre a camada pictórica, afiguraram-se pouco preocupantes e de fácil resolução quando comparadas com as alterações do suporte têxtil. A debilidade do suporte levou a um maior investimento na selecção dos materiais e procedimentos, visando o prolongamento das obras no tempo, a fácil manutenção das pinturas, contrariando a efemeridade dos materiais. Em concreto, reforçou-se o suporte têxtil com a aplicação, no verso, de tela de poliéster⁶ unida ao têxtil original de forma activa, com acetato vinílico⁷, ou passiva (sem aplicação de adesivo). As grades originais foram substituídas por bastidores mais robustos, com reforços em cruzeta, sendo a principal preocupação da equipa que as grades apenas tocassem na margem que delimita a pintura, evitando o risco e evolução de marcas que vincam a camada pictórica. Por sua vez, houve o cuidado de criar um vão entre o reverso da tela e a grade, local onde por norma se acumulam poeiras, podendo periodicamente ser limpo. Aplicaram-se extensores metálicos reguláveis, o que permite aumentar ou reduzir a tensão da pintura mediante a época do ano, na medida em que a Instituição proprietária não tem condições ambientais que favorecem a estabilidade das pinturas.



Fig. 2:
*Reintegração pictórica
das lacunas da pintura
"Barco rabelo"*

6 Foi seleccionado mais do que um tipo de poliéster, mediante o grau de oxidação do suporte.

7 Assegurando a sua reversibilidade, dado ser um adesivo termoplástico e pouco penetrante, ficando à superfície do têxtil.

Entre os diversos tratamentos da camada pictórica, destaca-se a limpeza química com a utilização de géis, que permitem uma acção mais intensa do solvente, maior contacto com a superfície e menor penetração, possibilitando controlar de forma mais eficaz a remoção da sujidade. A frente da pintura foi protegida com um médium vinílico, criando um estrato superficial, que permitiu a aplicação de um verniz de baixo peso molecular, um acetato polivinílico.

Após a intervenção das pinturas, com o conseqüente envolvimento da população no projecto e a poucos dias da sua inauguração, uma pergunta se levanta:

Que futuro terão as obras, após o inevitável encerramento da exposição?

A dúvida tem levado a um diálogo constante entre os técnicos envolvidos no projecto e a Instituição proprietária. Uma das soluções apontada é a criação de uma sala musealizada, no interior da Casa do Douro, que não descontextualiza as obras do edifício onde durante os últimos 65 anos viveram e permite ressuscitar a memória do *stand* da Casa do Douro, para a *I Exposição Colonial Portuguesa*. A leitura do conjunto é premissa a preservar, na medida em que há uma relação estética, formal e discursiva das pinturas, que narram uma viagem pelo rio Douro, através do olhar do artista portuense Joaquim Lopes.

*Fig. 3:
Vista geral dos panneaux
da colecção da Casa do
Douro na exposição "Mestre
Joaquim Lopes - Douro", no
Museu do Douro.*

